

Fronteiras entre ficção e realidade: a transformação do cotidiano em imagem como recurso do ator

Joice Rodrigues de Lima
(Pesquisa com orientação do Prof^o Dr. Cassiano Sydow Quilici)
Principais Atividades: Pesquisa, atuação e produção em Artes Cênicas
Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Palavras-chave: teatro, fotografia, processos de criação

O seguinte texto integra a pesquisa que desenvolvo na Universidade Estadual de Campinas, com a qual busco estabelecer, junto a um grupo de atrizes, relações possíveis entre imagens fotográficas e processos de criação do ator¹, tomando como referência o trabalho da artista francesa Sophie Calle.

Sophie Calle é fotógrafa, escritora, artista plástica e *performer*. Iniciou sua carreira por volta do ano de 1973, assumindo uma linguagem híbrida com elementos performáticos e autobiográficos. Em suas criações, utiliza recursos justapostos, como vídeos, fotografias, textos e ações performáticas. Sua obra pode ser apreciada em galerias e livros.

Uma das características de seu trabalho é o jogo que a artista estabelece entre elementos reais e fictícios. Diante desse aspecto, pretendemos realizar, com esta pesquisa, um diálogo entre as fotografias no processo criativo de Calle e a criação do ator. Para isso, focamo-nos na série reunida no livro *Double Game*², cujos trabalhos possuem em comum o fato de se construírem ora por situações autobiográficas, ora por dados fictícios, sem que se apresentem claramente as fronteiras entre um aspecto e outro.

Com a publicação desta coletânea, Calle realiza um diálogo com o livro *Leviatã*³, de Paul Auster, no qual o escritor criou a personagem Maria Turner baseando-se na vida da artista. Em resposta a Auster, Calle apresenta nesse livro alguns rituais os quais afirma ter realizado de acordo com as histórias vividas por Maria. Ou seja, a artista compõe este trabalho seguindo rituais da personagem de Auster, apresentando como obra histórias *vividas* e histórias *fabricadas*.

¹ Neste trabalho, entendemos como processo de criação do ator todos os procedimentos que colaboram com a criação de *ações cênicas e imagens corporais*. Durante o texto, também podemos utilizar o termo *materiais cênicos* para nos referirmos aos termos citados anteriormente.

² CALLE, Sophie. *Double Game*. Violette Editions/DAP: New York, 2007.

³ AUSTER, Paul. *Leviatã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Um desses trabalhos é chamado de *The Chromatic Diet*. Nele, a artista afirma ter realizado um ritual semelhante ao descrito pela personagem de Auster, em que ela consome alimentos seguindo uma lógica cromática correspondente aos dias da semana. Como suporte para a narrativa, Calle expõe fotografias dos alimentos consumidos, seguidas da descrição do cardápio. Em outro trabalho publicado nesta mesma coletânea, intitulado *The Birthday Ceremony*, Calle relata seu ritual de aniversário: anualmente, realizava um jantar para recepcionar o número exato de pessoas correspondente à idade que completaria. Os presentes recebidos nestas ocasiões não eram utilizados, sendo guardados e expostos como relíquias.

Esses dois rituais exemplificam o tipo de jogo que Calle estabelece. Os fatos são apresentados como narrativas construídas através de textos e imagens fotográficas, completando-se e induzindo a interpretações. É perceptível o modo como texto e imagem são combinados, instaurando dúvidas acerca da veracidade dos fatos.

Constatamos, então, que a *realidade* da fotografia, nesse caso, é direcionada pelo texto escrito e pelo contexto criado; ou seja, o texto incorpora os dados apresentados pelas imagens e a artista faz uso da margem ficcional que esta relação sustenta. A interação de dados “traz como resultado uma condição de ficcional ao texto, já que a narrativa passará por um filtro do seu olhar, será sua versão do que pode e como deve ser dito” (Silva, 2006, p.03). Segundo, Valdete Nunes Silva:

Ainda que não possamos saber se o que conta é uma invenção, as convergências da imagem fotográfica e dos textos reproduzem as formas e os procedimentos expressivos de um texto autobiográfico. Numa relação dicotômica entre o real e ficcional, o texto-imagem produzido por ela é uma presentificação do passado, vida e obra se justapondo. (Silva, 2006, p. 01).

Dessa forma, Calle reconfigura no tempo e no espaço da obra de arte um fato relacionado à sua vida pessoal, ao mesmo tempo em que atribui um caráter ficcional. Neste caso, a imagem fotográfica apresenta-se como elemento possibilitador de interpretações acerca da obra: comprova a veracidade e, simultaneamente, permite possibilidades. Embora a artista se utilize do recurso fotográfico para reforçar a veracidade de um ritual, como espectadores não temos certeza se tal acontecimento é verídico ou *fabricado* pela artista, visto a estranheza da narrativa em si. A fotografia, nesse caso, pode tanto testemunhar um fato ocorrido, como produzir o que Boris Kossoy⁴ entende por ficções documentais, através de um

⁴ Boris Kossoy é museólogo, fotógrafo e Profº Dr. da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

processo que se resume em descontextualizar a realidade da imagem fotográfica, produzindo uma segunda realidade, essa ficcional:

São ainda os mesmos processos que esclarecem, também, como ocorreriam simulações iconográficas de cenários, personagens e situações imaginárias, isto é, a imagem funcionando como testemunho de algo que [não] se passou no espaço e no tempo, onde não houve [nenhum] referente concreto (...). Pode-se, assim, construir verdades a partir de ficções. (...) De um lado, a iconografia 'verdade'; de outro, também a iconografia, porém, acrescida de componentes ficcionais, ou de 'outras verdades' (Kossoy, 2007: p.138).

Isso posto, podemos afirmar que Calle se apropria de um jogo entre realidade e ficção como base de seu processo de criação, jogo este inerente à própria imagem fotográfica. A artista utiliza a possibilidade de descontextualização das imagens para criar divergências acerca da realidade e da ficcionalidade dos fatos com os quais trabalha: nesta dúvida, residem suas propostas; característica esta entendida na presente pesquisa como um dos aspectos das fotografias de Calle passíveis de diálogo com a criação do ator.

Para confirmar esta hipótese, estabelecemos dois procedimentos: 1 - sensibilizar as atrizes ante a situações do cotidiano; 2 - propiciar às mesmas vivências que pudessem ser incorporadas à suas criações.

Como procedimento inicial, as atrizes fotografaram situações cotidianas pessoais por um período de tempo em comum. Tais imagens foram utilizadas em sala de trabalho, objetivando a improvisação de materiais cênicos. Esta ação instituiu nas atrizes uma percepção subjetiva em relação a fatos habituais, que normalmente não teriam maior atenção. O registro em fotografias possibilitou também o resgate de tais situações no momento da criação.

O segundo procedimento constituiu-se pela indução de situações que não fariam parte de seus cotidianos caso não fossem provocadas, como exemplo, o ato de *sair às ruas e modificar o dia de alguém*. Cada atriz retornou à sala de trabalho com uma nova experiência registrada em texto e/ou fotografia, registros estes que também foram utilizados no momento de criação/improvisação de materiais cênicos.

Esses dois caminhos possibilitaram-nos reconhecer como recurso à criação do ator a descontextualização de quadros cotidianos (sejam eles espontâneos ou fabricados), objetivando sua transformação em imagem teatral. Verificamos, também, a necessidade de se incluir nesse processo o treinamento para um olhar subjetivo das atrizes diante das situações

cotidianas, um olhar que possibilitasse o descolamento da realidade, seguido de sua reconfiguração no tempo e no espaço teatral.

Tais procedimentos possibilitaram às atrizes a criação de um material de trabalho sustentado por histórias vivenciadas, sem que, necessariamente, este material viesse a integrar um contexto dramático inserido nesta mesma *realidade*. As referências retiradas do real serviram como sugestão de imagens mentais que se materializaram nas ações e/ou imagens corporais teatrais. Dessa forma, entendemos que os procedimentos baseados na prática de *fabricação de histórias reais* proposta por Calle, serviram à criação do ator como um processo de recriação de fatos vividos, transformados em imagens cênicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTER, Paul. *Leviatã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CALLE, Sophie. *Double Game*. New York: Violette Editions/DAP, 2007.

KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007.

SILVA, Valdete Nunes. “Sophie Calle e a arte fotográfica: a inventividade dos jogos.” *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: USP, 2008.